

SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA MIZPÁ
NOME DO ALUNO

BREVE MANUAL DE TRABALHOS CIENTÍFICOS: MODELO GERAL V.1.

SÃO PAULO

2022

SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA MIZPÁ

NOME DO ALUNO

BREVE MANUAL DE TRABALHOS CIENTÍFICOS: MODELO GERAL V.1.

Breve manual para trabalhos científicos do Seminário Teológico Batista Mizpá. O trabalho orienta a formatação de resumos, resenhas, artigos científicos, projetos de pesquisa e monografias. Deve-se observar que o próprio manual está formatado como uma monografia para modelo. Esta é a folha do rosto. A anterior é a capa. Caso fosse uma monografia, neste parágrafo você colocaria o trabalho, a matéria e o professor. Por exemplo: Monografia apresentada como exigência para o cumprimento da matéria de Teologia Sistemática 2 do Curso de Teologia Avançada do Seminário Teológico Batista Mizpá. Esta página está sendo contabilizada, mas o número da página não deve aparecer.

DEDICATÓRIA

Ao escrever a dedicatória em um trabalho científico o aluno deve lembrar a quem se destina a obra e quem pode se alegrar com a sua realização. O formato é exatamente este. A palavra “dedicatória” em negrito, maiúsculas, centralizada e cerca de 8 centímetros da margem superior da folha. Não há uma regra para o tamanho da dedicatória, mas algo entre 5 e 10 linhas é suficiente. Não ultrapasse o limite de uma página. Esta página está sendo contabilizada, mas o número da página não deve aparecer.

AGRADECIMENTOS

Ao escrever os agradecimentos em um trabalho científico o aluno pode lembrar de sua trajetória e de todos que foram importantes para que chegasse àquele momento específico. O formato é exatamente este. A palavra “agradecimentos” em negrito, maiúsculas, centralizada e no do topo da folha. Não há uma regra para o tamanho dos agradecimentos, mas algo entre 5 e 10 linhas é suficiente. Não ultrapasse o limite de uma página. Esta página está sendo contabilizada, mas o número da página não deve aparecer.

Esta página é para a epígrafe. Ela é opcional, mas se usada deve ter um propósito definido: um versículo bíblico ou uma frase que sintetize ou simbolize o trabalho. Faça uma escolha bem-feita. A formatação é a mesma da citação direta com mais de três linhas, mas com a fonte em tamanho 12 e fica no final da página isoladamente. Da forma como está aqui. Esta página está sendo contabilizada, mas o número da página não deve aparecer. Note, neste modelo, onde surgem as numerações ou não. Você terá mais orientações a frente. *Ela pode ser realçada com itálico.*

RESUMO

Este é uma parte muito importante das suas monografias em que você apresenta de forma condensada todo o conteúdo de sua monografia. Quem o lê deve saber tudo que encontrará na monografia mesmo antes de lê-la. É muito comum que os alunos confundam o resumo com a introdução ou como uma apresentação do trabalho: NÃO É! Geralmente não deve ter mais que uma página, é apenas um parágrafo, com espaçamentos simples. Se esta fosse uma monografia, ficaria assim. A monografia “BREVE MANUAL DE TRABALHOS CIENTÍFICOS: MODELO GERAL” surgiu como solicitação da diretoria do Seminário Teológico Batista Mizpá para normatizar a entrega de trabalhos para todos os cursos: Teologia Avançada, Teologia Básica, Missiologia, Música e para as Matérias avulsas. O trabalho também tem a finalidade de que os alunos saibam diferenciar o que são os resumos, resenhas, artigos científicos, projetos de pesquisa e monografias, além dos elementos que compõem cada um deles e como apresentá-los de forma padronizada e adequada aos professores. Mesmo compondo parte importante da Matéria de Metodologia da Comunicação Científica, matéria oferecida pelo Seminário, este documento estabelece um padrão para todos os alunos, incluindo aqueles que não frequentaram a matéria até o momento. Visando o seu melhor aproveitamento, a monografia está assim apresentada. Primeiramente, toda ela foi redigida como uma monografia, que é o documento mais completo exigido pelo Seminário, mas suas formatações gerais são as mesmas para resumos, resenhas, artigos científicos e projetos de pesquisa. Entretanto, deve-se notar que o e resumos, resenhas, artigos científicos e projetos de pesquisa possuem menos elementos do que uma monografia e devem ser apresentados de maneira própria também explicada e exemplificada neste manual. Quanto à sua estrutura, esta monografia apresenta, após a sua introdução, uma breve descrição das formatações de páginas comuns a todos os trabalhos. Em seguida, apresentamos as definições, elementos e exemplificações do que são os resumos, resenhas, artigos científicos, projetos de pesquisa e monografias. Um documento acadêmico também possui uma série de formatações muito específicas que podem melhorar e facilitar o processo de escrita e reservamos um capítulo para estas orientações. Este último caso, entretanto, pode exigir um maior conhecimento da ferramenta de edição de textos do seu computador, mas incluímos um capítulo com algumas informações mais avançadas importantes. Este documento também possui alguns endereços de sites e vídeos que exemplificam e ensinam o que propusemos. Os alunos de Metodologia da Comunicação Científica recebem estas últimas orientações práticas durante o curso. Julgamos necessário, também, acrescentar um breve dicionário para diferenciação e especificação de palavras da monografia e do universo da metodologia da comunicação científica.

Palavras-chave: Resumos, Resenhas, Artigos Científicos, Projetos de Pesquisa, Monografia, Formatações.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	9
LISTA DE GRÁFICOS.....	9
LISTA DE TABELAS	9
INTRODUÇÃO.....	10
1. FORMATAÇÕES E ESPECIFICAÇÕES GERAIS	11
1.1. Características do papel	11
1.2. Fontes gerais	11
1.3. Margens	11
1.4. Espaçamento entre linhas do texto.....	11
1.5. Tabulação de cada parágrafo	11
1.6. Fonte para citações.....	11
1.7. Numeração de páginas	12
1.8. O número de páginas do trabalho	12
1.9. Títulos e subtítulos.....	12
1.10. Notas de rodapé.....	13
1.11. Citação de livros, artigos, sites, etc.	13
1.11.1. Citação direta com menos de três linhas e referência	14
1.11.2. Citação direta com menos de três linhas e nota de rodapé	14
1.11.3. Citação direta com mais de três linhas e referência.....	14
1.11.4. Citação direta com mais de três linhas e nota de rodapé	14
1.11.5. Citação indireta no corpo do trabalho.....	14
1.11.6. Citação indireta com nota de rodapé.....	15
1.12. Notas e referências de sites, monografias, dissertações, teses, revistas etc.	15
1.12.1. Exemplo para monografias, dissertações e teses	15
1.12.2. Exemplo para revistas	15
1.12.3. Exemplo para sites	15
1.13. Especificação das capas para as monografias	15
1.14. Especificação de figuras, gráficos, tabelas, etc.	16
1.15. Abreviaturas e símbolos	17
1.16. Abreviaturas nas notas de rodapé e citações	17
2. O QUE É UM RESUMO?	19
2.1. A estrutura e os elementos do resumo	19
2.2. Exemplo de resumo: O Pequeno Príncipe	21
2.3. Dicas adicionais	21
3. O QUE É UMA RESENHA?.....	22
3.1. A estrutura e os elementos da resenha	22
3.2. O tamanho de uma resenha crítica	22
3.3. Modelo ou exemplo de uma resenha crítica	23
4. O QUE É UM ARTIGO CIENTÍFICO?.....	27
4.1. A estrutura e os elementos do artigo científico.....	27
4.2. Modelo de artigo científico.....	27
5. O QUE É UM PROJETO DE PESQUISA	32
5.1. A estrutura e os elementos de um projeto de pesquisa	32
5.1.2. Escolha do tema	32

5.1.3.	Problematização	32
5.1.4.	Justificativa	32
5.1.5.	Definição dos objetivos	33
5.1.6.	Hipóteses.....	33
5.1.7.	Fundamentação teórica ou revisão de literatura.....	33
5.1.8.	Metodologia	33
5.1.9.	Cronograma	34
6.	O QUE É UMA MONOGRAFIA?.....	35
6.1.	A estrutura e os elementos de uma monografia	35
7.	FORMATAÇÕES, DETALHES E REVISÕES.....	37
7.1.	Formatar títulos e parágrafos	37
7.2.	Algumas configurações adicionais importantes.....	38
7.3.	Quebras de página.....	38
7.4.	Revisão ortográfica	39
7.5.	Uso do negrito, itálico e sublinhado	39
8.	GLOSSÁRIO	40
9.	SITES E VÍDEOS ÚTEIS.....	41
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo de capa com dimensões	16
Figura 2 - A Bíblia de Lutero	16

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Relação de alunos e notas	17
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Parâmetros para títulos e parágrafos	38
---	----

INTRODUÇÃO

Este breve manual visa padronizar a entrega de trabalhos. O não cumprimento das normas pode acarretar desconto de pontos conforme o critério do professor ou a recusa de recebimento do trabalho. A boa apresentação dos trabalhos escritos também é parte do compromisso do aluno com o seu aprendizado. O aluno deve estar consciente que cada trabalho realizado, por menor e mais simples que seja, é um documento que revela o seu aprendizado e a seriedade com sua igreja e sua formação. Deve estar ciente que seus trabalhos poderão ultrapassar os limites das salas de aula e serem aplicados em diversos momentos pelo próprio aluno. Consideramos que o aluno entregará os seguintes documentos ao longo de sua vida acadêmica: resumos, resenhas, artigos científicos, projetos de pesquisa e monografias. Estes podem não ser os únicos documentos, mas as linhas gerais são as mesmas. O manual que segue apresentará o que é cada documento representa, mas antes, um breve guia para consulta geral de formatação. Os professores decidirão por quais meios receberão os trabalhos: WhatsApp, E-mail, Nuvem, etc. Em geral, envie no formato PDF. De modo geral este manual segue as normas NBR 14724 (trabalhos acadêmicos), NBR 10520 (citações), NBR 6023 (referências), NBR 6024 (numeração progressiva), NBR 6027 (sumário), NBR 6028 (resumos, resenhas e resenhas) com simplificações e adaptações. *Detalhes adicionais, assim como algumas modificações e alterações na apresentação dos trabalhos, podem ser feitos a critério dos professores e deverão ser seguidos pelos alunos conforme orientação específica de cada matéria.* É importante que na leitura deste manual sejam observados os espaçamentos, paginações, negritos, itálicos, etc. Cada uma destas formatações segue padrões importantes.

1. FORMATAÇÕES E ESPECIFICAÇÕES GERAIS

1.1. Características do papel

Papel branco, formato A4 (21 cm x 29,7 cm).

1.2. Fontes gerais

Arial ou Times New Roman tamanho 12 para texto e títulos, na cor preta para o texto.

1.3. Margens

Margem esquerda e superior com 3 cm (centímetros); direita e inferior de 2 cm.

1.4. Espaçamento entre linhas do texto

1,5 cm.

1.5. Tabulação de cada parágrafo

Os parágrafos devem ter 1,25cm à esquerda. O alinhamento de todos os parágrafos deve ser justificado.

1.6. Fonte para citações

Tamanho de fonte 10 para citações diretas com mais de três linhas. Para este caso formatar recuo de 4cm, justificada, com espaço simples. Citações diretas com menos de três linhas são apresentadas entre aspas e referenciada conforme os pontos 12.1 a 12.4. Abaixo um exemplo de citação direta com mais de três linhas.

É importante observar que nessas duas categorias a ênfase básica e a influência principal da obra redentora de Cristo não é sobre nós, mas sobre Deus Pai. Jesus obedeceu ao Pai em nosso lugar e cumpriu de maneira perfeita as exigências da lei. E Ele sofreu em nosso lugar, recebendo em si mesmo a pena que Deus Pai teria aplicado a nós.¹

Observação importante: o número de linhas diz respeito ao tamanho da citação no corpo do texto. Ou seja, se ao escrevê-la ela ocupar mais de três linhas, deverá se tornar uma citação como vimos acima.

¹ Wayne GRUDEM, *Teologia Sistemática: Atual e exaustiva* – Nova edição com índices, São Paulo, Vida Nova, 2020, p. 473.

1.11.1. Citação direta com menos de três linhas e referência

Por isto, “é importante observar que nessas duas categorias a ênfase básica e a influência principal da obra redentora de Cristo não é sobre nós, mas sobre Deus Pai” (GRUDEM, 2020, p. 473).

O nome do autor é citado na referência entre parênteses porque não apareceu na citação ou em sua chamada. Se porventura fosse citado, deve ficar assim:

Portanto, como afirma Grudem, “é importante observar que nessas duas categorias a ênfase básica e a influência principal da obra redentora de Cristo não é sobre nós, mas sobre Deus Pai” (2020, p. 473). Esta norma vale para todas as alternativas posteriores.

1.11.2. Citação direta com menos de três linhas e nota de rodapé

Isto é o que afirma Grudem ao dizer que “é importante observar que nessas duas categorias a ênfase básica e a influência principal da obra redentora de Cristo não é sobre nós, mas sobre Deus Pai”.³

1.11.3. Citação direta com mais de três linhas e referência

Isto é o que afirma Grudem ao dizer que

É importante observar que nessas duas categorias a ênfase básica e a influência principal da obra redentora de Cristo não é sobre nós, mas sobre Deus Pai. Jesus obedeceu ao Pai em nosso lugar e cumpriu de maneira perfeita as exigências da lei. E Ele sofreu em nosso lugar, recebendo em si mesmo a pena que Deus Pai teria aplicado a nós (2020, p. 473).

1.11.4. Citação direta com mais de três linhas e nota de rodapé

Isto é o que afirma Grudem ao dizer que

É importante observar que nessas duas categorias a ênfase básica e a influência principal da obra redentora de Cristo não é sobre nós, mas sobre Deus Pai. Jesus obedeceu ao Pai em nosso lugar e cumpriu de maneira perfeita as exigências da lei. E Ele sofreu em nosso lugar, recebendo em si mesmo a pena que Deus Pai teria aplicado a nós.⁴

1.11.5. Citação indireta no corpo do trabalho

Grudem concorda com este ponto de vista mostrando que a natureza humana de Cristo, mesmo sem ter mudado em nada, ou seja, era perfeitamente humana, foi dignificada a ponto de merecer culto e adoração (2020, p. 465).

³ Wayne GRUDEM, *Teologia Sistemática: Atual e exhaustiva* – Nova edição com índices, São Paulo, Vida Nova, 2020, p. 473.

⁴ Wayne GRUDEM, *Teologia Sistemática: Atual e exhaustiva* – Nova edição com índices, São Paulo, Vida Nova, 2020, p. 473.

1.11.6. Citação indireta com nota de rodapé

Grudem concorda com este ponto de vista mostrando que a natureza humana de Cristo, mesmo sem ter mudado em nada, ou seja, era perfeitamente humana, foi dignificada a ponto de merecer culto e adoração.⁵

1.12. Notas e referências de sites, monografias, dissertações, teses, revistas etc.

Estas referências seguem as mesmas especificações de livros. Sites, por exemplo, não possuem paginação. Neste caso basta omitir. No caso de monografias, dissertações e teses é apresentado por folha. A abreviação fica, por exemplo: fl 14. No caso de sites deve ser apresentado o endereço e data de consulta. Como citar:

SOBRENOME, Nome. *Nome do livro*: subtítulo. Cidade: Editora, ano de publicação. Número de página do livro. Disponível em: <http://endereço completo do site>. Acesso em: dia, mês e ano.

1.12.1. Exemplo para monografias, dissertações e teses

FUKUMITSU, Karina Okajima. *O processo de luto do filho da pessoa que cometeu suicídio* (versão corrigida). São Paulo, 2013. 237 fl. (Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia).

1.12.2. Exemplo para revistas

SANTOS, José Carlos Pereira dos (Org). Guia orientador de boas práticas para a prevenção de sintomatologia depressiva e comportamentos da esfera suicida: Cadernos OE, Série 1, número 4. Ordem dos enfermeiros: 2012, 110 p.

1.12.3. Exemplo para sites

MEREGE, L. C. *Censo do terceiro setor do Estado do Pará região metropolitana de Belém*. Belém: CETS/FGV–EAESP, 2005. Disponível em: <http://fazendoaminhamonografia.com.br>. Acesso em: 32 de fevereiro de 2034.

1.13. Especificação das capas para as monografias

Não acrescente elementos além dos exigidos abaixo. Resumos, resenhas e artigos científicos não possuem capa ou folha de rosto. *O logotipo do seminário é de uso exclusivo do Seminário em seus documentos*. Observe que a primeira folha deste manual é uma capa da forma que os alunos devem apresentar, mas com suas informações específicas e adequadas.

⁵ Wayne GRUDEM, *Teologia Sistemática*: Atual e exhaustiva – Nova edição com índices, São Paulo, Vida Nova, 2020, p. 473.

NOTA IMPORTANTE: As três notas acima estão repetidas porque são referências dos três exemplos. Existem outras formas para repetir notas de rodapé dos mesmos autores, dos mesmos livros, das mesmas páginas, etc. Ver adiante nas formatações mais avançadas.

Figura 1 - Modelo de capa com dimensões



Fonte: *Modelo de capa ABNT*. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/762234305664309958/>. Acesso em: 30 de julho de 2022.

1.14. Especificação de figuras, gráficos, tabelas, etc.

Abaixo é a forma como aparecem no texto, mas deve haver uma lista com todas elas com numeração de página logo após o sumário no início da monografia. Observe neste mesmo manual, na páginas posteriores ao SUMÁRIO, como foi feita a LISTA DE FIGURAS. Isso vale para gráficos, tabelas, imagens, etc., mas cada um deve ter uma lista específica, ainda que seja apenas um destes elementos em todo o trabalho.

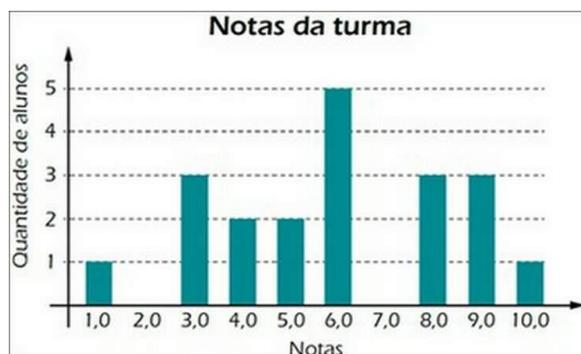
Figura 2 - A Bíblia de Lutero



Fonte: Marisa MIDORI, *O poder transformador da Bíblia de Lutero*, Jornal da USP, 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/o-poder-transformador-da-biblia-de-lutero/>. Acesso em: 29 de julho de 2022.

O gráfico abaixo foi incluído como modelo. Veja, no início do trabalho como foi feita a LISTA DE GRÁFICOS.

Gráfico 1 - Relação de alunos e notas



Fonte: Guia Bolsas, *Análise de Gráficos*, ENEM. Disponível em: <https://www.maisbolsas.com.br/enem/matematica/analise-de-graficos>. Acesso em: 30 de julho de 2022.

1.15. Abreviaturas e símbolos

O aluno poderá, a seu critério e sob orientação do professor, utilizar símbolos e abreviaturas em seu trabalho. Estes símbolos devem estar previstos e apresentados em lista própria no início dos artigos científicos e monografias (não os utilizar em resumos, resenhas ou projetos de pesquisa). É um recurso interessante para palavras e expressões que podem se repetir com grande frequência no trabalho e tornam a leitura e apresentação do trabalho mais fáceis e limpas.

1.16. Abreviaturas nas notas de rodapé e citações

Algumas abreviaturas serão obrigatórias nas notas de rodapé no que diz respeito a citação de livros, repetições, etc. Estas citações seguem um padrão. Além destas, o aluno poderá abreviar as versões bíblicas utilizadas. Abaixo alisamos algumas delas e apresentamos as suas significações acrescentando, também, uma simulação do seu uso com uma breve explicação ao lado. **NOTA IMPORTANTE:** O aluno deverá incluir um lista de siglas e abreviaturas utilizadas no trabalho no início do trabalho conforme abaixo.

AT	Antigo Testamento
BJ	Bíblia de Jerusalém
BKJA	Bíblia King James Atualizada
CBB	Convenção Batista Brasileira
CBESP	Convenção Batista do Estado de São Paulo
Cf.	Confira, confronto
d.C.	depois de Cristo

apud	citado por
e.g.	exempli gratia, ou por exemplo
et. seq.	et sequentia, e segue ou na sequência
Ibid.	Na mesma obra
Ibidem	Na mesma obra e na mesma página
Idem	do mesmo autor
JFAA	João Ferreira de Almeida Atualizada
loc. cit.	loco citato, no lugar citado
NT	Novo Testamento
NVI	Nova Versão Internacional da Bíblia
NVT	Nova Versão Transformadora da Bíblia
op. cit.	Opus citatum, obra citada anteriormente
OPBB	Ordem dos Pastores Batistas do Brasil
OPBB-SP	Ordem dos Pastores Batistas do Brasil – Subsecção São Paulo
passim	aqui e ali

O texto a seguir serve como uma simulação do uso de alguma abreviaturas acima. O texto não seguirá uma lógica, mas serve para exemplificar o uso das expressões:

Segundo o Apóstolo Paulo, o homem nascido novamente é considerado uma nova criatura em Cristo (2Co 5.17, NVI). Este é, também, o resultado da justificação pela fé sem a qual o homem caído permaneceria em sua eterna dívida. Segundo Antunes⁶, a regeneração e a justificação jamais poderiam ser consideradas à parte. Pelo contrário, cada uma delas é parte necessária da outra na *Ordo Salutis*.⁷ Conforme Euclécio, “ninguém herdará o céu sem que ambas sejam plenas na vida do homem caído”.⁸ Nem sempre o homem regenerado se dá conta plenamente deste processo, mas, uma vez que é uma obra divina, uma vez iniciada é impossível que ela seja interrompida.⁹ Este pensamento é corroborado pelos documentos da CBB e da CBESP.

⁶ Marcelo ANTUNES, *A importância da Ordo Salutis: uma concepção reformada da saga salvífica*, São Paulo, Remissão e Fé, 2021, p. 14-15. (O livro é fictício).

⁷ Ibid., p. 190. (significa que pode ser encontrada na mesma obra anterior, mas na página 190).

⁸ Elviro EUCLÉCIO, *Como o homem chega ao céu*, Petrópolis, Editora Revivendo, 2022, p. 143. (o livro é fictício).

⁹ ANTUNES, op. cit., p. 203. (Como é um autor já citado, basta informar o sobrenome. Como é a mesma obra aparece o op. cit. Na sequência a página).

2. O QUE É UM RESUMO?

Um resumo é apresentação condensada ou reduzida de um documento maior como um livro, artigo, monografia, dissertação, tese, etc., ou parte destes, com a finalidade de apresentar o seu conteúdo essencial. Deve ter uma linguagem direta e clara, mas sem exemplos. Apesar de condensado, o conteúdo do resumo deve seguir a mesma ordem do documento original e não apresentar nenhuma conclusão por parte daquele que o resume (as opiniões são apropriadas e necessárias nas resenhas).

2.1. A estrutura e os elementos do resumo

Dispensa elementos pré e pós-textuais. Faça um cabeçalho simples discriminando a tarefa, inserindo o seu nome, nome do professor, nome da matéria e a data que entregou o trabalho.

Exemplo:

Resumo do capítulo 12 do livro “Introdução à Exegese”

Aluno: José Martins Júnior

Professor: Pr. Jorge Cacuto

Matéria: Exegese do Novo Testamento

São Paulo, 30 de julho de 2022.

Em geral, siga os seguintes passos:

1. Considere o objetivo do resumo e faça um planejamento.
2. Leia o livro e anote os principais dados.
3. Organize as anotações.
4. Escreva a introdução.
5. Apresente os detalhes da narrativa.
6. Descreva o problema central do livro.
7. Conte como foi a resolução do problema.
8. Escreva uma conclusão.

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE: na apresentação do resumo o texto não pode ser dividido em pontos ou subtítulos. É um texto cursivo dividido apenas em parágrafos!

O resumo pode ser de uma obra completa ou de parte dela. Dependerá das exigências de cada professor. Convém ao aluno apresentar brevemente a obra que está sendo resumida ou o capítulo específico. Por exemplo:

Para uma obra completa: Este é um resumo do livro “*Teologia na Prática: implicações contemporâneas para o ministério pastoral*”, publicado no ano de 2020 pelo alunos do Seminário Teológico Servo de Cristo, São Paulo - SP, por ocasião do 30 anos de fundação do mesmo seminário (segue o resumo).

Para uma parte da obra: Este é um resumo do capítulo 11: “*A importância do aconselhamento bíblico pastoral para a saúde da igreja*” do Pastor José Martins Júnior no livro “*Teologia na Prática: implicações contemporâneas para o ministério pastoral*”, publicado no ano de 2020 pelo alunos do Seminário Teológico Servo de Cristo, São Paulo - SP, por ocasião do 30 anos de fundação do mesmo seminário (segue o resumo).

A seguir o aluno deverá *reduzir, condensar ou compactar* o conteúdo do texto. Uma dica importante é que se escreva uma frase de não mais que 15 palavras por parágrafo lido e entendido. Se possível, uma frase breve por página ou subdivisão do livro. Lembre-se que os exemplos usados pelo autor servem de ilustração para as suas afirmações e não devem ser reproduzidas no resumo. *Resumir também é chegar ao cerne do exposto com poucas palavras suficientemente claras para qualquer leitor.* Além disto, é uma forma de descobrir, desvendar e chegar ao esboço das ideias centrais que o autor usou para escrever. Segue um exemplo de resumo de um parágrafo extraído do livro: O brasileiro é Pós-moderno?

O texto original: “Sob um prisma diferente, mas com a razão ainda no topo da questão, temos o Iluminismo. O Iluminismo foi um movimento intelectual que surgiu durante o século XVIII na Europa, que defendia o uso da razão (luz) contra o antigo regime (trevas), e pregava maior liberdade econômica e política. Este movimento promoveu mudanças políticas, econômicas e sociais, baseadas nos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. O Iluminismo tinha o apoio da burguesia, pois os pensadores e os burgueses tinham interesses comuns. As críticas do movimento ao Antigo Regime abrangiam vários aspectos como o mercantilismo, o absolutismo monárquico, o poder da igreja com suas verdades reveladas pela fé. Podemos afirmar que o Iluminismo defendia a liberdade econômica, ou seja, sem a intervenção do estado na economia; o antropocentrismo, ou seja, o avanço da ciência e da razão; o predomínio da burguesia e seus ideais. Assim, as ideias liberais do Iluminismo se disseminaram rapidamente.”

Um possível resumo: A estrutura mercantil e antropocêntrica do Iluminismo formou a base do secularismo atual.

A capacidade de resumir está associada a pelo menos dois fatores importantes: o assunto do livro (o resumo acima não poderia ser compreendido sem o contexto do próprio livro e do

que o resumo apresentou anteriormente) e, em segundo lugar, a capacidade de leitura de quem resume. Portanto, em ambos os sentidos é um exercício a ser desenvolvido.

2.2. Exemplo de resumo: O Pequeno Príncipe

O Pequeno Príncipe é uma obra literária do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, que conta a história da amizade entre um homem frustrado por ninguém compreender os seus desenhos, com um príncipezinho que habita um asteroide no espaço. O título original é *Le Petit Prince*, e o livro foi publicado pela primeira vez em 1943, nos Estados Unidos. Esta obra é marcada pelo seu alto teor filosófico e poético, mesmo sendo considerada a princípio uma literatura para crianças. *O Pequeno Príncipe* é o terceiro livro mais traduzido do mundo, contabilizando aproximadamente mais de 160 idiomas, e um dos mais vendidos por todo o planeta. O clássico ganhou diversas adaptações, seja no cinema ou em espetáculos teatrais e musicais.

O autor do livro é o personagem principal da história, que assume também o papel de narrador, contando sobre o fatídico dia em que o seu avião teria caído no meio do deserto do Saara. Lá, o personagem principal adormece e, ao acordar, se depara com o Pequeno Príncipe, que pede para ele desenhar um cordeiro numa folha de papel. O protagonista é frustrado em relação aos seus desenhos, pois nunca ninguém conseguia interpretar as suas artes da forma correta. Ao longo da história, o Pequeno Príncipe vai narrando as suas aventuras para o protagonista. O jovem estaria à procura de um carneiro para comer as árvores que estariam crescendo em excesso em sua terra, um asteroide conhecido por B 612, que teria apenas uma rosa vermelha e três vulcões, sendo um deles inativo. Ao ouvir as aventuras do Pequeno Príncipe, o protagonista vai percebendo como as pessoas deixam de dar valor as pequenas coisas da vida conforme vão crescendo.¹

2.3. Dicas adicionais

Para um bom resumo, além de uma ou mais leituras atentas, observe também: o sumário de cada livro porque ele esboça as ideias gerais; os conteúdos de capa e contracapa porque apresentam sinopses do livro; resenhas, comentários escritos ou vídeos da Internet sobre a obra porque quanto mais se sabe sobre uma leitura, mais ela pode ser aproveitada.

¹ Rebeca FUKS, *O Pequeno Príncipe: resumo e significado do livro*, Cultura Genial, 2018. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/livro-o-pequeno-principe/#:~:text=Ao%20longo%20da%20hist%C3%B3ria%2C%20o,vulc%C3%B5es%2C%20sendo%20um%20deles%20inativo>. Acesso em: 02 de agosto de 2022.

3. O QUE É UMA RESENHA?

A resenha é um documento técnico que apresenta um debate a respeito de um documento maior como um livro, artigo, monografia, dissertação, tese, etc., ou partes deles, com a finalidade de analisar seu conteúdo. Esta análise pode ser concordante, discordante, complementar, etc. Uma boa resenha pode surgir depois de um bom resumo, mas são documentos diferentes. No resumo se absorve o conteúdo de outrem, na resenha trava-se um diálogo com o autor. No resumo se apresenta a obra aos que não a conhecem, na resenha se discute o seu conteúdo com quem a conhece ou busca uma opinião sobre o que leu ou lerá. Uma resenha deve apresentar os detalhes que permitem identificar a obra analisada. Dispensa elementos pré e pós-textuais.

A resenha também pode receber o nome de RESENHA CRÍTICA. O nome não deve levar o aluno a presumir que uma resenha é sempre para discordar do autor. Concordar também caracteriza uma crítica. No entanto, tanto as discordâncias quanto concordâncias devem ser embasadas. Não se diz: “Não concordo com o autor”, mas se diz, por exemplo: “O autor defende uma postura agressiva no tratamento com os inimigos do povo de Deus que é contrária aos ensinamentos de Jesus Cristo no Sermão do Monte (Mt 5-7). Deste modo, nos resta dicar ao lado de Jesus e aprender que o amor aos inimigos é que caracteriza a vida e comportamento de um discípulo de Jesus”. Evite, inclusive, usar palavras discordar ou concordar: argumente!

3.1. A estrutura e os elementos da resenha

A resenha dispensa elementos pré e pós-textuais, mas inclua a identificação do trabalho, aluno, matéria, professor e data conforme o resumo. Ela deve apresentar os detalhes que permitem identificar a obra analisada e alguns detalhes sobre a vida do autor e a razão da obra na sua parte introdutória. À critério do aluno e orientação do professor, o aluno pode dedicar um parágrafo de no máximo dez linhas para discutir cada capítulo do livro. Uma boa compreensão da obra pode tornar este debate ainda mais condensado.

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE: na apresentação da resenha o texto não pode ser dividido em pontos ou subtítulos. É um texto cursivo dividido apenas em parágrafos!

3.2. O tamanho de uma resenha crítica

Cada professor poderá determinar o tamanho de um resenha, mas duas a quatro páginas são sempre suficientes. Lembre-se: resenha não é resumo.

3.3. Modelo ou exemplo de uma resenha crítica

O presente trabalho é uma resenha do livro *A missão do povo de Deus – uma teologia bíblica da missão da igreja*, de Christopher J.H. Wright, tradução de Waléria Coicev – São Paulo, Vida Nova: Instituto Betel Brasileiro, 2012, do original em inglês *The mission of God’s people: a biblical theology of the church’s mission*. Esta resenha é parte integrante das exigências do módulo de Teologia da Missão, ministrado pelo professor Arzemiro Hoffman na semana de 23 a 27 de novembro de 2015, do curso de Doutorado em Divindade do Seminário Servo de Cristo, São Paulo. Christopher JH Wright (1947) é um clérigo anglicano e um estudioso do Antigo Testamento. Ele é atualmente o Diretor do Internacional Ministérios da Langham Partnership International. Ele era o principal do All Nations Christian College. Ele é um membro honorário da Igreja All Souls, Langham Place, em Londres, Reino Unido. Wright nasceu em Belfast, Irlanda do Norte, em 1947. Entre suas obras e trabalhos podemos citar: *User’s Guide to the Bible* (Lion Manuals), Chariot Victor, 1984; *God’s People in God’s Land: Family, Land and Property in the Old Testament*. Grand Rapids: Eerdmans; Exeter, U.K.: Paternoster, 1990; *Knowing Jesus through the Old Testament*, Harpercollins, 1990; *Walking in the Ways of the Lord: The Ethical Authority of the Old Testament*, Intervarsity Press, 1995.

A obra está dividida em três momentos diferentes. Quem nós somos e porque estamos aqui, são as primeiras e a últimas pergunta a serem respondidas no livro. Ao olharmos para a página 319, quase encerrando o livro vemos os seguintes questionamentos: “*Para que o povo de Deus está na Terra? Que a Bíblia nos diz sobre o que Deus espera do seu povo? Ele existe para que propósito ou missão?*” Assim, ele encontra pelo menos treze razões distintas e pontuais que procuram responder e balizar esta questão que são os capítulos de 2-14. Ao final de cada capítulo o autor traz conclusões finais, um resumo e questões para debate, que mostram o caráter didático do livro, que pode ser usado inclusive em pequenos grupos e células da igreja para reflexão.

Teologia é para os mortos e missões para os vivos, é a afirmação que inicia sua provocação. A dinâmica da vida de campo e da vida dos crentes demandam respostas e soluções que ainda não se apresentaram e a vida missional é desafiadora, dinâmica e exige respostas e adaptação. Neste sentido, a missão atrapalha ou bagunça a Teologia. Isto provoca uma descontinuidade entre conceito e prática, e se considerarmos que somos continuidade do povo do Antigo Testamento, o diálogo sempre está em aberto. A vida missional, neste mesmo sentido, correlaciona-se muito mais com a narrativa bíblica com toda a sua dinâmica do que com um corpo doutrinário solidificado. Ao tratar de vida missional, do povo missional, uma afirmação deve ser feita e muito bem compreendida: devemos cuidar da criação de Deus à medida que também somos

esta criação, criação com propósito. A criação não o é apenas no sentido ecológico, ainda que também, mas em todo o aspecto criacional, da ecologia às relações humanas, da igreja a vida pública, conceito que parece permear todo o livro, ainda que em muitos momentos ele ressalte o aspecto que parece mais óbvio, de que as questões sociais e ecológicas merecem maior atenção do povo missional. Esta atuação tem como paradigma Abraão, ou seja, somos agentes de bênção para a criação inteira (pg 88, pensando em Gênesis 12: 1-3). Abraão é o primeiro paradigma daquilo que enxergamos mais facilmente em Mateus 28, ou seja, a quem é dada a ordem de *ir, crer e obedecer*. Sua análise paralela de Mateus 28 inclina-se para a interpretação do texto como “*à medida que vocês vão, preguem*”, tomando partido na longa e acalorada discussão exegética do texto. Para alguns a ênfase está em fazer discípulos, ensinar. Para outros está em guardar o que foi ensinado, ou seja, ênfase na obediência. O paradigma *ir, crer e obedecer*, encontra paralelo em Eleição, Ética e Missão. Deste modo, Deus nos manda ir como um processo de eleição, escolha, como povo enviado. Um povo que crê, necessariamente age eticamente em todas as suas relações, inclinações e decisões. Um povo que obedece é um povo que não perde o foco em quem é nem em sua missão. No Êxodo e na cruz, o povo missional encontra outro alicerce de sua existência e propósito, de povo redentor e generoso. No Decálogo o povo missional encontra o alicerce para sua santidade prática, com a qual deve guiar e orientar sua vida diária. Um povo eleito, ético, obediente, santo, não poderia deixar de ser um povo atraente. Atraente por suas obras e bom caráter. Atraente pela presença poderosa e transformadora de Deus. Neste momento, Christopher Wright assume que a igreja tem sido um grande empecilho para a criação. Empecilho inclusive para a apresentação de Deus como o único Deus, característica também fundamental do povo missional. Neste momento ele nos apresenta dois textos, sendo um no AT (Dt. 4) e outro no NT (Atos 4). Ambos tratando sobre a unicidade de Deus e a tarefa do povo de Deus em anunciar e viver isto. Um momento que parece fundamental do livro encontra-se entre as páginas 227-239 no qual ele define seis questões fundamentais sobre a importância de pregar o Evangelho e, o mais importante, sobre o que é o Evangelho, que transcrevemos aqui: o Evangelho é a história de Jesus à luz das Escrituras, o Evangelho é uma nova humanidade redimida e uma única família de Deus, o Evangelho é uma mensagem a ser transmitida ao mundo todo, o Evangelho é transformação ética, o Evangelho é a verdade a ser defendida e, finalmente, o Evangelho é o poder de Deus transformando o universo. Assim, ele trata de pessoas-Evangelho, ou seja, capacitadas pelo Espírito Santo e pela Palavra a ser um testemunho vivo como José, Moisés, os Juízes. No entanto, um dos grandes empecilhos é a vida dicotomizada, ou seja, dividida entre seu aspecto religioso e público, uma dicotomia perigosa. O destaque que queremos dar, para sair um pouco do óbvio, é o do

sofrimento como parte do aspecto público, ainda que ele se ressinta de não ter nenhum testemunho realmente relevante para contar, como o tem missionários trabalhando em campos onde há intolerância religiosa. Para um povo missional, a compreensão de que até mesmo a adoração e a oração são instrumentos de missões, não soa como algo estranho, para isto, vejamos os Salmos, as orações de Jesus, clamando por conversão, por envio de obreiros, por fortalecimento diante dos desafios cristãos. A oração, por exemplo, é um instrumento de subversão da idolatria, um dos grandes desafios do povo missional. Christopher Wright não deixa de reservar um momento para citar o papel dos pastores de viver e ensinar a vida missional para suas ovelhas, e não se aterem a outros aspectos. Não somente líderes, mas as igrejas, conforme ele diz, têm contemporaneamente suas falhas, mas assunto que ele não elabora. Ele aponta: cristãos ricos que não se importam com a pobreza no mundo, a igreja dividida em facções conflitantes, a ganância e luta por poder na igreja e pelos cristãos, igrejas culturalmente adaptadas, mundanas e sincréticas, o falso e parcial ensino das igrejas. Portanto, é tarefa fazer discípulos e viver missionalmente.

As conclusões de natureza prática parecem ficar a critério dos leitores, mas a fundamentação bíblica e teórica parece relativamente bem fundamentada, quando mais se lida lado a lado com a obra anterior *A Missão de Deus*. É visível o esforço do autor em ser prático e isto pode ser resultado de críticas feitas à primeira obra, ainda que mesmo nesta obra ele confesse, como já dissemos, que seria necessário outro livro para tratar dos problemas da igreja moderna. E por que não? Se missões é para os vivos, que se faça. Urge fazer. É notória a falta de uma cristologia e mesmo de observações mais profundas e demoradas do ministério de Jesus, como missionário, como aquele que encarna a vida missional. Quanta informação perdida e desprezada desde os aspectos do nascimento virginal, da infância e de todo o seu ministério terreno. Falta também a própria vida do apóstolo Paulo, toda construída sobre o propósito de pregar e sofrer pelo Evangelho. Estas falhas podem vir de seu maior cuidado com o Antigo Testamento do que com o Novo Testamento.

Não podemos fugir da tentativa de aplicar verdades missionais à igreja brasileira e a nossa comunidade em particular. Ainda que o livro também não dialogue com as forças sociais e cosmovisões conflitantes do nosso tempo, tais forças estão presentes e afetam singularmente a experiência cristã de qualquer um. Falamos muito em missões, mas ainda temos como tarefa de um departamento específico da igreja que deve pensar e agir criando tarefas, criando eventos e lembrando incansavelmente a igreja de seu papel de sustentar o trabalho missionário no campo. Falamos de missões como o trabalho terceirizado efetuado pelos missionários nos campos distantes, além mar, porque assim ainda compreendemos o trabalho missionário. Falamos de

missões nos dias, semanas ou meses específicos do ano em nossa igreja faz informes missionários no sentido de sensibilizar as pessoas para contribuírem. A tarefa parece tão grandiosa que não podemos pensar em nada menos do que reformular todo o jeito de ser da igreja.

Ser missional é entender-se com tendo uma vida com propósitos e uma missão oniabrangente, mas já somos secularizados demais para dar um passo tão atrás ou tão à frente. A solução nos parece mais viável do ponto de vista do discipulado, no qual cada crente deve primeiro aprender de fato que toda a sua vida é para a Glória de Deus e que nada do que se faz deve escapar ao propósito de adorá-lo e servi-lo. Não nos parece que o discipulado abranja o constante estudo, sem a prática, daquilo que tomamos como diretriz na Palavra de Deus, pelo contrário, mas em ações correntes e frequentes através das quais o aprendizado acontece. O modelo de Cristo nos parece o paradigma perfeito, ou seja, por meio de sua convivência e ações refletidas com seus discípulos ensinava-os a vida missional.

As ações missionais da igreja devem compreender, sobretudo, atividades que possam trazer um envolvimento cada vez mais aproximado de cada membro da comunidade nas ações, e cada vez menos devem se relacionar o trabalho missional com algo além-mar, e muito mais como ações concretas no aqui e agora. A comunidade deve ser convidada ao debate e reflexão das necessidades do contexto que vive e dentro de suas possibilidades empreender ações positivas para solucionar ou atenuar os problemas detectados. Vivemos, como é notória uma grande crise de voluntariado. As pessoas não querem mais ir, querem terceirizar, querem pagar, e isto deve ser denunciado e confrontado. Neste sentido, pastores e demais líderes, tem um papel fundamental. Apesar de todos os desafios e limitadores intelectuais que podem se apresentar, cada crente deve ser levado a conhecer e refletir sobre todas as forças concorrentes no nosso tempo e saber, ainda que minimamente, detectar as tendências dos pensamentos e ordens modernas, devendo conhecer outras religiões e aprender a lidar com elas, tanto apologeticamente quanto evangelisticamente. Uma vida missional e uma igreja missional nos fazem sonhar, e que a começar em nós algo de urgente seja feito.

4. O QUE É UM ARTIGO CIENTÍFICO?

É um documento que resulta de uma pesquisa pontual como, por exemplo, de um termo teológico ou de uma doutrina, dirigido a um público específico com certo domínio do tema. Ele apresenta dados de uma pesquisa que pode complementar ou elucidar pontos divergentes e obscuros de uma temática mais ampla. Artigos científicos devem ter o mesmo rigor de pesquisa encontrado em monografias, dissertações e teses, mas são mais pontuais e breves. Em geral, são publicados em revistas específicas. O artigo científico deve ter um Título que especifique as linhas gerais do tema e um subtítulo que apresente algo específico. Por exemplo:

A DOCTRINA DA JUSTIFICAÇÃO: O FUNDAMENTO DA SANTIDADE CRISTÃ.

4.1. A estrutura e os elementos do artigo científico

Basicamente deve conter:

1. Título e subtítulo
2. Apresentação do autor (autores)
3. Resumo do artigo
4. Introdução
5. Desenvolvimento (em quantos pontos forem necessários)
6. Conclusão
7. Referências bibliográficas

Ao contrário dos resumos e resenhas, o artigo deve ser numerado e cada subtítulo também pode ser receber um nome apropriado. O artigo deve considerar o rigor e a precisão da linguagem científica, o que também inclui a sua clareza. Ele é resultado de uma pesquisa bibliográfica com exposição de termos técnicos, etc. Os trabalhos hermenêuticos e exegéticos como exposição de livros e de temas teológicos se ajustam perfeitamente no formato de um artigo científico. Além destes, também considere o formato em trabalhos de filosofia, sociologia, antropologia, etc.

4.2. Modelo de artigo científico

Segue na próxima página um exemplo. **OBSERVAÇÃO:** Sendo aluno do Curso Avançado em Teologia, para um caso parecido com o exposto a seguir, utilize expressões em hebraico sob orientação do seus professores.

GÊNESIS 37.35: A IMPORTÂNCIA DO TERMO SHEOL PARA A COMPREENSÃO DA DOR DE JACÓ DIANTE DA FALSA NOTÍCIA DA MORTE DE JOSÉ

José Martins Júnior - Professor de Metodologia da Comunicação Científica do Seminário Teológico Batista Mizpá - SUDOCAP-ABAFER

Artigo Científico apresentado como exigência para conclusão da matéria de Metodologia da Comunicação Científica do Curso Avançado em Teologia do Seminário Teológico Batista Mizpá no primeiro semestre do ano de 2022.

São Paulo, 26 de março de 2022.

Resumo: Diante da notícia da morte de seu filho José, Jacó entrou em desespero e desejou a ir para a sepultura, o que também significa afirmar que desejou morrer. Mesmo sabendo que doutrina da vida após a morte no Antigo Testamento não é tão elaborada como no Novo Testamento, concluímos, através da análise do termo hebraico Sheol utilizado na passagem, que Jacó desejou morrer porque tinha a esperança concreta de ver seu filho numa realidade *post-mortem*. Jacó não morreu na ocasião, mas sua fala manifestou o tamanho da sua tristeza pela suposta perda de um filho tão desejado nascido de *sua esposa mais amada*.

Palavras-chave: Sheol, tristeza, morte.

Introdução

Jacó amava mais Raquel que sua outra esposa Lia e suas concubinas. Raquel era estéril (Gn 30.1), mas o Senhor a abençoou com a gravidez de José, seguida pela gravidez de Benjamim, morrendo posteriormente (Gn 35.16.20). Jacó tinha apreço especial por José e demonstrava isto através da túnica colorida que lhe dava (Gn 37.3). Esta preferência somada aos sonhos de José, nos quais lideraria toda a sua família, provocaram a inveja e os ciúmes de seus irmãos (37.1-11). Por isto, alimentavam desejos de vingança que cumpriram. Simularam a morte de José e o venderam com escravo para um grupo de midianitas que o levaram para o Egito (Gn 37.25-28). Forjaram provas da falsa morte de José molhando a túnica colorida com sangue animal. Jacó reconheceu a túnica imediatamente e, conforme o costume da época, “rasgou suas vestes, vestiu-se de pano de saco e chorou muitos dias por seu filho” (Gn 37.31-34). Não duvidando ou suspeitando da trama criada pelos filhos, Jacó não se permitiu ser consolado e afirmou: “Não! Chorando descerei à sepultura para junto de meu filho” (Gn 37.35).¹ Anos mais tarde, com a descoberta de que José estava vivo, não pesou a Jacó os desencontros, as mentiras e as

¹ Carlos Osvaldo PINTO, *Foco e Desenvolvimento no Antigo Testamento*, 2ª Edição Revisada e Atualizada, São Paulo, Hagnos, 2006, p. 53.

traições dos filhos porque a alegria de rever seu filho José vivo e bem superou todas as dificuldades.

1.1. O termo Sheol

Como vimos, o desespero de Jacó diante daquela notícia o fez desejar a morte. Isto pode ser compreendido a partir de diferentes pontos de vista. As controvérsias do texto giram em torno do significado da palavra sepultura (Sheol) e em torno da compreensão dos Patriarcas e demais homens do AT a respeito da vida após a morte. É fato de que não havia o conceito tão elaborado de alma imaterial e imortal como encontramos mais tardiamente no NT, como à parte imaterial do homem que sobrevive à morte do corpo. A palavra Sheol de Gênesis 37.35 foi traduzida como sepultura na NVI, NVT e ARC, mas também como “mundo dos mortos” na NTLH. A palavra Sheol, equivalente ao termo grego Hades do NT, também pode ser traduzida como profundezas, pó ou simplesmente como morte.

1.2. O problema da interpretação de Sheol em Gênesis 37.35

Quanto à compreensão de Jacó tinha a respeito dos resultados da sua própria morte, podemos cogitar três possibilidades. Primeiramente, podia ser uma referência ao encontro que deseja ter com o seu filho quando, num futuro incerto, também morreria. Neste primeiro caso, a consciência *post mortem* não estaria necessariamente prevista, mas apenas o fim da vida e da profunda tristeza que sentia. Em segundo lugar, e neste caso temos que admitir que Jacó concebia uma vida com certa consciência após a morte do corpo, ele só seria consolado neste vale de sombras da *quase inexistência* ou do *esquecimento* (o Sheol) e sua tristeza teria fim. Numa terceira interpretação, e a que adotamos aqui, ele realmente desejava a morte porque ela representava a retomada da alegria de estar, nova e definitivamente, na companhia de seu filho.² Segundo Berkhof,

O Velho Testamento nos ensina que os mortos descem ao Sheol. [...] Mas, seja qual for a interpretação válida do Sheol veterotestamentário, e o que quer que se possa dizer da condição dos que descem para esse lugar, certamente este é descrito como um estado de existência mais ou menos consciente, embora não de bem-aventurança. O homem só entra no estado de perfeita bem-aventurança se libertado do Sheol. Nesta libertação chegamos ao verdadeiro âmago da esperança veterotestamentária de uma imortalidade bem-aventurada.³

² R.N. CHAMPLIN, *O Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, São Paulo, Hagnos, 2001, Vol. 1, p. 239-240. Wayne GRUDEM, *Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva*, São Paulo, Vida Nova, 2021, p. 688-690. Charles HODGE, *Teologia Sistemática*, São Paulo, Hagnos, 2001, p. 944, 1550, 1562, 1564.

³ Louis BERKHOF, *Teologia Sistemática*, Campinas, Luz para o Caminho Publicações, 1990, 671.

Esta alternativa é razoável quando a comparamos a outras passagens bíblicas do próprio livro de Gênesis e do restante do AT nas quase há pensamentos quanto ao *estado imediatamente consciente* daqueles que partiram. Enoque, por exemplo, foi tomado por Deus (Gn 5.24, Hb 11.5). Elias subiu ao céu num redemoinho (2Rs 2.5, depois é apresentado vivo e consciente ao lado de Moisés em Mateus 17.3). É certo que, nestes dois casos, se poderia alegar serem personagens que não passaram pela morte física. Kidner, ao analisar a passagem de Gênesis 37.35 e compará-la com Gênesis 25.8, que trata do sepultamento de Abraão numa terra onde não havia nenhum de seus parentes, e com Gênesis 42.38, que narra o temor de Jacó de também perder seu filho caçula Benjamim, conclui serem textos que revelam que os Patriarcas criam numa vida consciente após a morte.⁴ Ademais, Davi se mostrou confiante de que habitaria para sempre na Casa do Senhor (Sl 1.15-18), além do que também se pode ler em Salmos como 16.10-11, 17.15, 23.6.

1.3. A profundidade da dor de Jacó

Admitindo cada uma das teses como verdadeiras, é possível entender a profundidade da dor de Jacó e porque ele cogitou a própria morte. José era filho da sua velhice (Gn 37.3). Pesava-lhe no coração ser o primogênito de seu grande amor, Raquel (Gn 30.22-24), que morrera após o parto de Benjamin (Gn 35.16-20). Jacó estava sentindo uma dor terrível sobreposta a outra tão intensa quanto esta. Ter notícias da morte trágica de um filho superou, inclusive, qualquer alegria que poderia ter com aqueles que estavam vivos. De certo modo, aqueles que estavam bem podiam prescindir das preocupações do pai. E, mesmo diante de um entendimento incerto e ainda parco sobre uma vida consciente *post mortem*, Jacó cogitou a possibilidade concreta de se unir a quem amava.

Conclusão

Diante disto, palavras tão duras não representam nada frente a uma dor tão grande que desespera uma alma que deseja, ainda que por apenas um instante, a própria morte para aliviar-se do sofrimento de alguém que tanto se ama. Como é sabido, aquela dor não foi em vão porque, mesmo decorrente de uma trama terrível e cercada de mentiras, seria usada por Deus para preservação de toda aquela família que seria a base da nação de Israel e berço do Salvador. O fim da história conhecemos bem. Jacó não apenas viu José, mas também seus netos Efraim e Manassés a quem abençoou antes de partir.

⁴Derek KIDNER, *Gênesis: Introdução e Comentário*, Série Cultura Bíblica, São Paulo, Vida Nova, 2011, Vol. 1, p. 171.

Referências Bibliográficas

- BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas: Luz para o Caminho Publicações, 1990.
- CHAMPLIN, R.N. *O Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. São Paulo: Hagnos, 2001.
- GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 2021.
- HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001.
- KIDNER, Derek. *Gênesis: Introdução e Comentário*, Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- PINTO, Carlos Osvaldo. *Foco e Desenvolvimento no Antigo Testamento*, 2ª Edição Revisada e Atualizada. São Paulo: Hagnos, 2006.

5. O QUE É UM PROJETO DE PESQUISA

O Projeto de Pesquisa é um documento inicial ou intermediário que antecipa os dados, a forma e as conclusões de uma monografia, dissertação ou tese. Além de se constituir num esboço, um mapa de pesquisa e um itinerário de escrita, é um protótipo que mostra a viabilidade do projeto. O Projeto de Pesquisa pode revelar a inviabilidade de uma monografia, dissertação ou tese, mas pode ser a base fundamental de um trabalho bem executado. A clareza da linguagem, dos fundamentos e objetivos da linguagem são fundamentais para o pesquisador e para os seus leitores.

5.1. A estrutura e os elementos de um projeto de pesquisa

Por se tratar de um documento específico e mais no Curso, abordaremos brevemente cada parte de um projeto de pesquisa. Este deve ser numerado em cada fase.

5.1.2. Escolha do tema

Deve ser algo de profundo interesse ou necessidade para o pesquisador. Deve ter clareza tanto para o autor quanto para quem o ouve ou lê. Se for necessário explicar muito o tema, reconsidere a pesquisa. Exemplos de tema objetivos e claros: A Justificação pela fé; O papel da mulher na igreja; O Pré-milenismo Dispensacionalista; O papel da Bíblia na Educação das crianças; etc. Exemplos de temas confusos ou difusos: A inversão de valores; O papel da pregação na visitação de zoológicos, etc.

5.1.3. Problematização

Toda pesquisa deve focar na solução de um problema real. A resposta deve ser embasada e estruturada e, neste sentido, os problemas se tonar as perguntas que orientarão o trabalho. Por exemplo (para o caso do pré-milenismo dispensacionalista): 1. De onde surgiu a visão dispensacionalistas e como ela se estabeleceu? Como esta visão influencia a eclesiologia? Como ela pode ajudar ou prejudicar no processo de evangelização? Quais seus pontos positivos e negativos? Etc.

5.1.4. Justificativa

A justificativa do trabalho que será escrito é fundamental. Por justificativa entendemos o valor da pesquisa para a solução do problema levantado anteriormente. Por exemplo, para o mesmo caso anterior: será que a falta de fervor evangelístico atual não tem relação com o pré-milenismo dispensacionalista? Ou há outros fatores que influenciam nesta queda do fervor evangelístico?

5.1.5. Definição dos objetivos

Os objetivos têm o propósito de demonstrar os resultados esperados com as soluções para os problemas levantados anteriormente como, por exemplo, reestruturar o trabalho missionário, fortalecer a EBD no ensino evangelístico, reconduzir o púlpito no ensino da volta de Cristo como um alicerce da evangelização. Eles podem ser divididos em objetivos gerais e específicos. Por exemplo, Geral: reativar a evangelização da igreja; Específico: tornar a evangelização uma prática rotineira de todos os membros da igreja.

5.1.6. Hipóteses

O levantamento das hipóteses é uma fase fundamental no qual se pergunta quais são as raízes mais profundas do problema assim com a origem das suas soluções. De fato, é a hora das boas perguntas e respostas. Ainda focando na questão do pré-milenismo dispensacionalista, poderíamos também supor a influência da Bíblia de Scofield e a susceptibilidade da cultura brasileira às visões mais fatalistas da vida, como fatores para este viés teológico escatológico.

5.1.7. Fundamentação teórica ou revisão de literatura

Aqui o pesquisador apresenta os autores, teorias e referências bibliográficas que irão nortear seu trabalho. De modo geral, todo tema possui um conjunto de autores e livros que são necessários para a pesquisa. Um tema como o dispensacionalismo é encontrado em livros de Teologia Sistemática fundamentalmente, mas sua influência é observada na História da Igreja, por exemplo. Este ponto também é conhecido como REVISÃO BIBLIOGRÁFICA, que é uma tarefa mais complexa e extensa do que nos propomos no Seminário Mizpá. De modo geral, os professores exigirão uma bibliografia mínima.

5.1.8. Metodologia

A metodologia diz respeito a como a pesquisa será feita e apresentada. Nossa forma mais comum é por meio da exposição do conteúdo bibliográfico iniciando pelas definições, problematização, discussões e conclusões. Ou seja, inicia com uma boa coleta de dados, sua organização e conseqüente escrita. Esta organização depende de rigor e bom conhecimento do tema, mas sua exposição também depende de criatividade e boa capacidade de comunicação. Ou seja, você deve ser convincente quanto ao caminho que está percorrendo para exposição de sua pesquisa.

5.1.9. Cronograma

Ao iniciar um trabalho de pesquisa o aluno deve ter em mente a data de entrega o todo o caminho até este momento. O caminho deve ser planejado e o planejamento respeitado. Um trabalho está concluído quando elaborado, escrito e devidamente revisado.

6. O QUE É UMA MONOGRAFIA?

Monografia é uma redação que tende a exaustão de um tema específico dentro de uma ciência, arte, localidade, o assunto específico ou sobre assuntos relacionados. Comumente escrita apenas por uma pessoa. Visa levar o aluno a desenvolver a capacidade de pesquisar e comunicar de forma adequada o resultado de sua pesquisa. É o principal tipo de texto científico. Geralmente é mais longo (de 15 a 40 páginas), há exigência de uma bibliografia mínima e a presença de elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais. A monografia pode ser exigida por qualquer professor em qualquer matéria, mas também é o documento conhecido com TCC (Trabalho de Conclusão de Curso).

6.1. A estrutura e os elementos de uma monografia

Segue os elementos. Alguns são facultativos (opcionais):

1. Capa (obrigatória)
2. Folha de rosto (obrigatória)
3. Dedicatória (obrigatória)
4. Agradecimentos (obrigatório)
5. Epígrafe (facultativo – um breve texto ou frase basilar)
6. Resumo (apenas no vernáculo) (obrigatório)
7. Palavras-chave (obrigatória)
8. Sumário (obrigatório)
9. Lista de... (obrigatório se o aluno usar símbolos, abreviaturas, gráficos, figuras, tabelas, fotografias, etc.). Ver modelo a seguir.
10. Introdução (obrigatória)
11. Desenvolvimento em quantos capítulos forem necessários (obrigatória)
12. Considerações finais (obrigatória)
13. Referências bibliográficas (obrigatória)
14. Glossário (facultativo – uma espécie de dicionário)
15. Apêndices (facultativo – textos e documentos complementares)
16. Anexos (facultativo – documentos, etc.)
17. Índices (facultativos – onomástico, autores, etc.)

Espera-se que o aluno também utilize:

1. Citações diretas (ver norma para citações com menos de 3 e com mais de 3 linhas)
2. Citações indiretas (quando se usam as próprias palavras a partir de um texto)

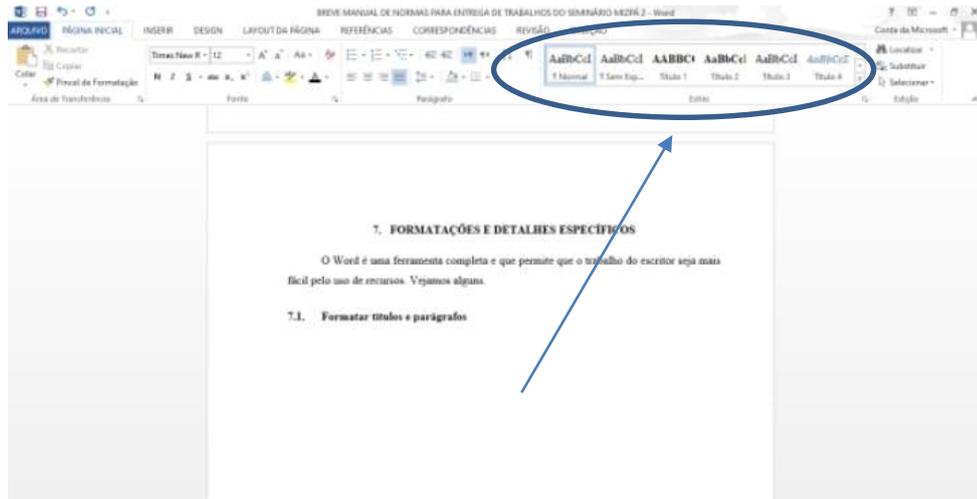
3. Referências bibliográficas no corpo do texto
4. Notas de rodapé (explicativas)

NOTA IMPORTANTE: Este manual serve como modelo de uma monografia.

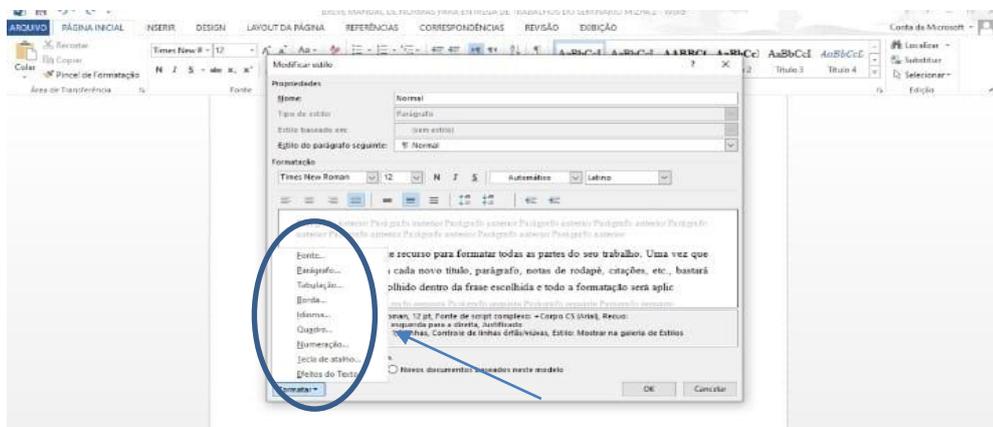
7. FORMATAÇÕES, DETALHES E REVISÕES

O Word é uma ferramenta completa que permite que o trabalho do escritor seja mais fácil pelo uso dos recursos. Vejamos alguns.

7.1. Formatar títulos e parágrafos



Aproveite este recurso para formatar todas as partes do seu trabalho. Uma vez que forem formatadas, a cada novo título, parágrafo, notas de rodapé, citações, etc., bastará clicar no padrão escolhido na frase e toda a formatação será aplicada. Para acessar as configurações de cada um dos modelos, clique com o botão direito do mouse. Surgirá a tela abaixo que permite a modificação de todos os parâmetros conforme visto no capítulo 1.



7.2. Algumas configurações adicionais importantes

Ao utilizar esta ferramenta do Word você poderá configurar a fonte, tabulação, negritar ou não, justificar ou centralizar, e os espaçamentos anteriores e posteriores (antes e depois).

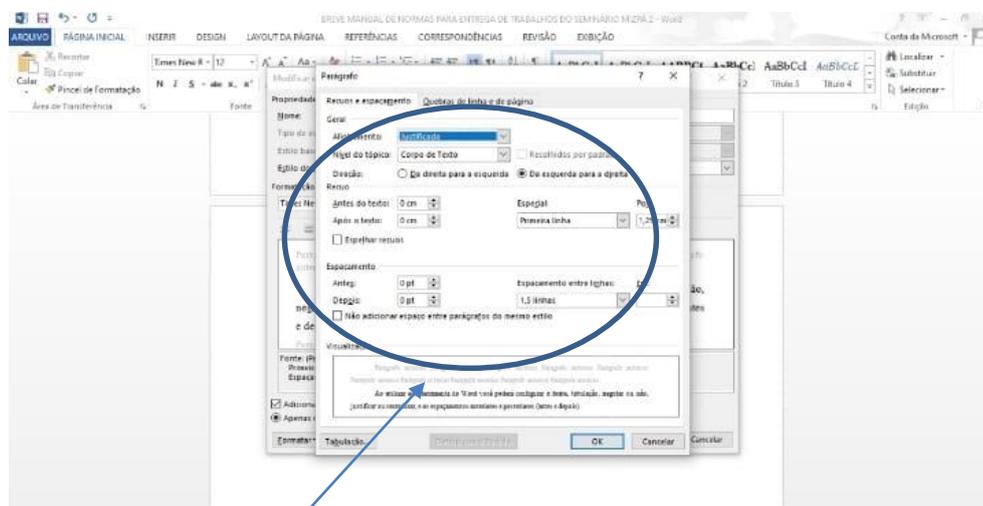


Tabela 1 - Parâmetros para títulos e parágrafos

	Alinhamento	Antes do texto	Após texto	Antes	Depois	Especial	Entre linhas
Título 1	Centralizado	0	0	0	18	0	1,5
Título 2	Justificado	0	0	12	6	0	1,5
Título 3	Justificado	0	0	12	6	0	1,5
Parágrafo	Justificado	0	0	0	0	1,25	1,5
Citação	Justificado	4	0	12	12	0	1,0

Fonte: O próprio autor.

7.3. Quebras de página

Inserir quebra de página ao final de cada capítulo é importante para manter as configurações do próximo capítulo mantendo a ordem e a posição do título e demais elementos. Também é importante porque mantém os mesmos elementos se porventura for necessário incluir ou excluir elementos de outros capítulos. Neste caso, a paginação é refeita. A nova contagem de notas de rodapé só é possível com a quebra de página. Ou seja, com a inclusão da quebra de página o editor entende que iniciou uma nova seção.

7.4. Revisão ortográfica

Todo trabalho deve passar por uma revisão ortográfica. O Word possui um revisor automático que identifica erros em palavras, espaçamento inadequados, etc. Mas ele não é suficiente. Use outro revisor como, por exemplo, o Language Tool: <https://languagetool.org/pt-BR>). Este endereço é da versão gratuita. O texto deverá ser colado e revisado. A versão paga mantém as configurações. Isto não dispensará uma releitura geral atenciosa. O processo de revisão é absolutamente necessário. Se tiver condições, salve a versão em PDF e use um aplicativo de leitura de PDF para ver a fluência do seu texto. Um bom texto soa bem quando lido.

7.5. Uso do negrito, itálico e sublinhado

A regra para uso de negrito, itálico e sublinhado deve ser a lógica e o bom senso. Use para destacar palavras estrangeiras, termos teológicos importantes, para dar destaque em suas próprias palavras e frases, etc. Há situações, como nas referências bibliográficas, por exemplo, que o nome dos livros deve ser escrito obrigatoriamente em itálico conforme os exemplos citados. Isto vale para negrito nos Títulos 1 e 2.

8. GLOSSÁRIO

ÍNDICE: elemento pós-textual não obrigatório que visa localizar, no trabalho, elementos que podem ser importantes para a pesquisa. Há vários tipos de índices: ONOMÁSTICO (por palavras), de AUTORES, etc. Também devem apresentar as páginas exatas onde os elementos se encontram. A índice é produzido pelo editor de texto do computador conforme a marcação (entrada do índice) correta das palavras-chave selecionadas pelo autor.

LISTA: elemento pré-textual que visa apresentar ao leitor todas as abreviaturas, símbolos, figuras, gráficos, tabelas, fotografias, etc., presentes no trabalho com suas respectivas paginações. É obrigatório caso o autor da monografia use algum destes elementos, mesmo que seja apenas um. Aparece sempre depois do Sumário em folha própria. Cada forma de apresentação deve possuir uma lista própria: LISTA DE FIGURAS, LISTA DE TABELAS, LISTA DE GRÁFICOS, etc. A lista é produzida pelo editor de texto do computador conforme a inclusão correta dos dados.

SUMÁRIO: elemento pré-textual obrigatório de uma monografia que visa apresentar ao leitor todos os capítulos com todos os seus títulos e subtítulos. Um bom sumário ajuda o leitor a ter um entendimento prévio da obra. Isto só possível se o trabalho está bem-organizado com títulos e subtítulos adequados. O sumário é produzido pelo editor de texto conforme a inclusão correta dos títulos e subtítulos.

9. SITES E VÍDEOS ÚTEIS

Muitos vídeos na Internet podem ser úteis para todas as fases de elaboração dos mais variados trabalhos do Mizpá. Faça uso para facilitar sua caminhada.

<https://www.normasabnt.org/abnt-nbr-14724/> - NORMAS ABNT

<https://tecnoblog.net/responde/guia-normas-abnt-trabalho-academico-tcc/> - NORMAS ABNT

<https://www.ufrgs.br/bibeng/normas-abnt-trabalhos-academicos/#:~:text=A%20NBR%2014724%20%C3%A9%20a,em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20sua%20estrutura.> – NORMAS ABNT

<https://www.youtube.com/watch?v=r0hL2YkTpV4&t=30s> - como formatar número de páginas no Word.

<https://www.youtube.com/watch?v=KTzeLWpR1qw> – como formatar sumário no Word, além de títulos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASTI VERA, A. *Metodologia da pesquisa científica*. Porto Alegre: Globo, 1976, e 1989.
- BARROS, A. J. P.; LEHEFELD, N. A. de S. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: McGraw-Hill, 1986.
- BASTOS, L. R.; PAIXÃO, L.; FERNANDES, L. M. *Manual para elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses e dissertações*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1979, 1982.
- CASTRO, C. M. *A prática da pesquisa*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. *Metodologia científica*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. *Metodologia científica*. 4. Ed. São Paulo: Makron Books, 1996.
- DEMO, P. *Introdução à metodologia da ciência*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3 ed., São Paulo: Atlas, 1991.
- LAKATOS, E. M., MARCONI, M. A. *Metodologia científica*. 2 ed, São Paulo: Atlas, 1991.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- OCDE. Manual Frascati. *Medição de atividades científicas e tecnológicas*. Brasília: CNPq, 1978.
- PARRA FILHO, D.; SANTOS, J. A. *Metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Futura, 2003.
- RAUEN, F. J. *Elementos de iniciação à pesquisa*. Rio do Sul: Nova Era, 1999.
- REY, L. *Como redigir trabalhos científicos*, São Paulo: Edgard Blucher, 1978.
- RUIZ, J. A. *Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos*. São Paulo: Atlas, 1985.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 22 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- TRUJILLO, F. A. *Metodologia da pesquisa científica*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.